

## Hudson Taylor

Heróis: Legados de Fé da Modernidade—Parte 9

João 19.30

### Introdução

Hudson Taylor nasceu num lar amoroso de pais crentes comprometidos. Apesar de ter aprendido a Bíblia e de conhecer bem as doutrinas cristãs básicas, ele era cético.

Quando completou 15 anos, começou a trabalhar num banco da cidade onde vivia cercado de outros rapazes que zombavam de suas concepções religiosas antiquadas. Isso começou a solidificar sua descrença.

Pela providência de Deus, Hudson desenvolveu um problema de visão—um problema que durou pouco tempo e logo passou, mas que durou tempo suficiente para que perdesse seu emprego.

Quando tinha 17 anos, ele não sabia que sua irmã de 13 anos havia se comprometido a orar por sua salvação 3 vezes por dia. Ele também não estava ciente de que sua mãe tinha abandonado um compromisso numa tarde simplesmente para orar. Naquela mesma tarde, Hudson escreveu:

*Aconteceu de aquele dia ser feriado. Durante a tarde, fui à biblioteca de meu pai em busca de um livro para passar aquelas horas livres. Nada chamou minha atenção; mexi num cesto*

*de panfletos e dentre eles escolhi um panfleto evangelístico que me pareceu interessante, dizendo para mim mesmo: “Haverá uma história no início e um sermão no meio; vou ler a história e ignorar o sermão.” Enquanto lia o panfleto, uma frase chamou minha atenção: “A obra consumada de Cristo.” Fiquei me perguntando por que o autor usou essa expressão. Por que não dizer “a obra expiatória de Cristo” ou “a obra satisfatória de Cristo”? Daí, as palavras de Cristo Jesus na cruz—**Está consumado** (João 19.30)—vieram à minha mente. Mas o que foi consumado? Quando li um pouco mais, ficou claro que a dívida dos nossos pecados foi paga—o pagamento completo foi feito. Em seguida, pensei: “Se a obra foi completada e a dívida toda paga, o que mais preciso fazer?” Com isso, surgiu a feliz convicção, como uma luz brilhando na alma, que não havia nada mais no mundo a ser feito, a não ser cair de joelhos e aceitar esse Salvador e sua salvação, e depois louvá-lo pelo resto de minha vida.<sup>1</sup>*

E foi exatamente isso o que Hudson Taylor fez. O ano era 1849. Dentro de um ano, ele começou seus estudos de medicina na esperança de servir como missionário aos povos não alcançados da China.

A fim de se preparar completamente para as dificuldades do trabalho missionário pioneiro, ele se mudou para uma favela de Londres. Ele descobriu que poderia sobreviver à base de papa e pão a maior parte da semana, comendo carne só esporadicamente. Todo o dinheiro restante que tinha ele usou para comprar suprimentos médicos, a fim de poder ajudar pessoalmente as pessoas pobres de seu bairro.

Contudo, Hudson tinha um problema: o médico para o qual ele trabalhava frequentemente se esquecia de pagar seu salário semanal. Hudson tinha que lembra-lo toda semana. A situação se tornou tão frustrante que Hudson decidiu simplesmente entregar tudo nas mãos de Deus e confiar no Senhor para lembrar o médico de pagá-lo. Ele achou que esta seria uma boa maneira de desenvolver fé—simplesmente confiar no Senhor para lembrar seu chefe de pagar o salário. Depois que fez esse pacto com Deus, o médico não lhe pagou mais. Parecia que Deus não estava lembrando o médico. Por fim, chegou o dia de pagar seu aluguel e Hudson não tinha dinheiro. Até sua comida estava no fim.

Numa sexta-feira, já perto da hora de a clínica fechar, o doutor, sem nem fazer ideia de que devia dinheiro a Hudson, virou e disse: “A propósito, Taylor, não está na hora de eu pagar seu salário?” Hudson escreveu: “Eu tive que engolir minha saliva umas duas ou três vezes antes de responder. Disse-lhe que já fazia um tempo que não recebia meu salário. Como fiquei grato naquele momento. Deus tinha ouvido minha oração.”

O médico replicou: “Bom, por que você não me lembrou? Você sabe que vivo ocupado e acabei de enviar todo meu dinheiro para o banco. Se não, teria pago tudo agora mesmo.” Um tempo depois, Hudson foi para seu apartamento, grato porque a dona já tinha ido dormir e não lhe cobraria o

aluguel.

O sábado se arrastou. Logo antes de Hudson, já cansado e desencorajado, fechar a clínica, o médico de repente apareceu, dizendo que um de seus pacientes tinha passado em seu consultório e feito algo que raramente acontecia: pagar à vista. O médico não conseguiu entender por que esse paciente passou às 10 da noite para fazer um pagamento que poderia ter feito outro dia. Daí, o médico deu a Hudson uma mão cheia de dinheiro e disse que pagaria o restante na segunda. Que grande alegria Hudson sentiu ao ver suas orações respondidas.

Houve outra ocasião quando seu chefe se esqueceu de pagá-lo. Hudson voltou para casa desencorajado e confuso novamente com o Senhor. Seu dinheiro estava acabando e seu chefe não lhe pagava.

Quando chegou em casa, um dos pobres que morava na favela de Londres foi ao seu encontro. Ele implorou que Hudson fosse com ele e visse sua esposa que tinha acabado de dar à luz a um bebê. Nem a mulher nem o bebê estavam bem. Depois de certa relutância, ele foi. Na carta à sua irmã, Hudson disse que não estava com ânimo para ajudar ninguém naquela noite. Na verdade, ele estava era frustrado com Deus naquele momento.

Quando chegou ao apartamento da família, deparou-se com várias crianças amontoadas nessa casa de apenas um quarto. Hudson descreveu a situação como miserável. Uma mulher estava deitada numa maca e o bebê em seus braços chorava. Imediatamente, ele percebeu que o bebê não estava recebendo leite algum, já que a mulher estava malnutrida. A família inteira passava fome. Hudson sentiu que Deus pedia que ele desse seu dinheiro restante à família, mas seu coração recusou. Ele lhes disse que não podia fazer nada por

eles. Na sua carta à irmã, ele escreveu: “Eles precisavam de conforto, mas eu também precisava. Então, compartilhei com eles que, apesar de as circunstâncias serem terríveis, havia um Pai bondoso e amoroso no céu. Mas algo dentro de mim exclamou: ‘Seu hipócrita... falando a esses descrentes sobre um Pai amoroso sem nem mesmo confiar nele.’ Quase me engasguei.”

Ele continuou contando que resistiu com teimosia e frustração àquele desejo óbvio do Espírito de Deus para que confiasse completamente no Senhor e desse o restante do dinheiro àquela família. Ele, porém, ainda recusou. Mas ele concordou em orar por eles e se ajoelhou com todos ali naquela casa minúscula. A batalha continuava sendo travada no coração de Hudson e, sem qualquer vontade ou alegria, ele se levantou, meteu a mão no bolso e deu ao homem todo seu dinheiro. “Somente aí,” ele escreveu, “a alegria do Senhor fluiu em meu coração.” Ele sabia que salvaria a vida daquela mulher.

Quando voltou para casa, ele comeu seu mingau e, antes de dormir, ajoelhou-se e agradeceu ao Senhor por ter sido capacitado para dar tudo o que tinha. Em seguida, ele relembrou o Senhor de que não tinha nem dinheiro nem comida.

Mais tarde no próximo dia, Hudson recebeu um pacote anônimo sem endereço de retorno. Dentro do pacote estava um par de luvas e, dentro de uma das luvas, ele encontrou 4 vezes a quantidade de dinheiro que dera na noite anterior à família.<sup>2</sup>

Ele escreveria no futuro: “Como minha mente frequentemente me traz à lembrança esse incidente! E sua lição também: a fidelidade a Deus em coisas pequenas nos ajuda a adquirir experiência e força para as provações mais severas da vida.”<sup>3</sup>

Talvez você se encontre nesse ponto em sua

vida; quem sabe é isso o que Deus esteja fazendo neste momento em sua vida enquanto aprofunda sua fé e confiança, e o prepara para desafios ainda maiores mais adiante.

Hudson Taylor partiu para a China em 1853 e lá passou 51 anos servindo como missionário. Quando lá chegou pela primeira vez, logo nas primeiras semanas notou que seu respeito no meio do povo e sua capacidade de ser visto como um líder estavam sendo atrapalhadas por sua vestimenta distintamente ocidental. Por causa de seu casaco preto, ele recebeu um apelido: “O diabo preto.” Muito dos insultos que recebia dos jovens tinha mais a ver com sua vestimenta estranha do que com o Evangelho que pregava.

Por isso, ele foi contra todo o protocolo da época e conselhos de outras pessoas e fez algo radical: tirou sua roupa de ocidental e vestiu o manto e sapatos normais de um professor chinês. Ele até raspou o cabelo na parte da frente da cabeça para se parecer com os professores chineses.

Hudson escreveu para sua irmã, contando-lhe sobre sua decisão radical que criaria um escândalo. Ele disse na carta: “É melhor eu contar logo para você que na quinta-feira passada, às 11 da noite, entreguei meu cabelo nas mãos do barbeiro, o tingi de preto e na manhã seguinte fiz uma rabo-de-cavalo. Daí, vestido em roupa chinesa, saí de casa.”<sup>4</sup>

A reação na Inglaterra diante disso foi a esperada—ele perdeu todo seu sustento sem nem entrarem em contato com ele. Hudson Taylor acabou abrindo sua própria agência missionária: Missões para o Interior da China. E ele ficaria conhecido por sua sensibilidade para com a cultura e costumes chineses. Quando aconselhava futuros missionários, Hudson dizia algo que nos faz pensar com mais cautela sobre essa questão: “Pessoas mal-educadas dificilmente viverão livres de problemas

na China. Apesar de diligentes, inteligentes e piedosas, não realizarão muita coisa. Como missionários, o erro que cometemos com maior frequência é a falta de educação.”<sup>5</sup>

Hudson Taylor e sua família sofreram tremendamente. Uma esposa e vários filhos morreram de diversas doenças. Ele se casou novamente, só para experimentar a dor de dois bebês gêmeos que nasceram mortos—um menino e uma menina.

Ele e muitos de seus colegas de ministério foram perseguidos e geralmente tinham que fugir para salvar suas vidas. Numa ocasião, Hudson comentou que a Missões para o Interior da China nunca fixou um posto missionário sem experimentar algum motim—e a agência conseguiu estabelecer mais de 300 postos.

Imagine a igreja em nossa país ouvindo que, a fim de ter êxito na plantação de igrejas e congregações, terá que sobreviver a um motim. É de se esperar que o testemunho desse homem influenciaria milhares de pessoas a considerar a possibilidade de dedicar suas vidas ao povo de outro país.

Hudson Taylor recebeu sustento financeiro pessoalmente de Charles Spurgeon, C. I. Scofield e D. L. Moody. Ele frequentemente recebia uma oferta pelos correios, na hora certa, de seu bom amigo George Mueller, o qual passava por seus próprios testes de fé em seu ministério. Em geral, Hudson Taylor era conhecido por seu otimismo. Numa declaração que fez, a qual escrevi em minhas próprias anotações e leio com bastante frequência, ele revelou a mentalidade por trás de sua confiança: “Se obedecemos a Deus, a responsabilidade é dele, não nossa.”<sup>6</sup>

Numa carta datada de 1879, quando ele tinha

47 anos de idade e estava fora do trabalho, ele escreveu para a secretária da missão, destacando vários elementos que continuariam a dar àquele ministério saúde organizacional, eficiência e vitalidade espiritual.

Permita-me destacar 5 desses elementos. Eles originalmente foram aplicados não somente no nível de uma organização—a agência Missões para o Interior da China—mas a cada crente individualmente.

Vou fazer algo diferente hoje: ao invés de fornecer a biografia detalhada de Hudson Taylor, quero chamar sua atenção aos comentários devocionais que ele mesmo fez sobre 5 elementos que darão a todos nós vitalidade espiritual e eficiência ministerial, tanto no âmbito pessoal como num contexto mais amplo como igreja.

1. Primeiro, Hudson Taylor disse: “Melhore o caráter de seu serviço.”

Em outras palavras, na maioria das vezes, o que um crente precisa não é começar algo novo, mas fortalecer e melhorar algo que já tem feito.

No contexto de organização, Hudson escreveu, isso pode envolver responsabilidades de funcionários, estabelecer novos procedimentos para relatório e outras linhas de comunicação. Ou seja, autoavaliação e avaliação interna de um ministério são coisas saudáveis de se fazer, apesar de o processo ser entediante às vezes. Se algo vale a pena ser feito, então também vale a pena ser avaliado.

Howard Hendricks ensinava esse mesmo princípio com uma palavra: “somar.” Isto é, pegue algo que vale a pena ser feito e comece a fazê-lo melhor, com mais eficácia e eficiência.

2. Segundo, Hudson Taylor comentou: “Precisamos aprofundar nossa piedade e

devoção.”

Paulo escreveu ao seu filho na fé, Timóteo: ***Exercita-te, pessoalmente, na piedade*** (1 Timóteo 4.7). Piedade é fruto de exercício, ou seja, piedade e devoção exigem sacrifício. Se você deseja crescer em piedade, terá que estar disposto a suar espiritualmente.

Lembro-me de estar na praia anos atrás com as nossas filhas. Elas estavam na água e eu lhes mandei usar nosso guarda-sol como guia e ficar sempre na nossa frente. Independente do quanto tentavam, sempre acabavam sendo arrastadas; cada onda as arrastava para mais e mais distante da beirada; a maré as levava para cada vez mais longe. Às vezes, elas tinham que sair da água, correr para nós na areia e começar tudo de novo.

Que retrato perfeito da sua e da minha vida... como é fácil sermos arrastados pela forte correnteza ao nosso redor. Cada onda de novas demandas, cada pressão que nos puxa de um lado a outro, cada maré de problemas e desafios—quem sabe até preguiça e apatia no meio de tudo isso—nos arrastam sem nem percebermos. Ninguém jamais aprofundará sua devoção e piedade sem esforço intencional e um reajuste constante de acordo com o guarda-sol dos propósitos e planos de Deus.

3. Terceiro, Hudson Taylor desejava que sua equipe considerasse bem o seguinte pensamento: “Remova os obstáculos, se possível.”

Quando dizia isso, ele estava se referindo a tarefas complicadas que precisavam ser feitas. Decisões precisavam ser tomadas e obstáculos transpostos, mas ele adiciona logo em seguida: “se possível.” Gosto muito do seu realismo. Se possível—simplesmente é impossível mudar algumas coisas; determinados obstáculos só serão

removidos quando Cristo retornar; teremos que simplesmente aprender a lidar com eles. Mas onde puder, remova obstáculos que atrapalham sua vida e ministério espirituais.

Gosto muito do realismo. E de fato, Hudson Taylor com frequência lembrava sua equipe missionária dizendo o seguinte: “Não se esqueçam, existem três estágios na obra missionária e eles se aplicam à vida também: impossível, difícil e feito.”<sup>7</sup>

Hudson não queria em sua agência pessoas que não estavam dispostas a encarar desafios. Na verdade, todo indivíduo que se candidatava para a Missões para o Interior da China era treinado num centro missionário que eles tinham fixado nas favelas de Londres. Se o candidato não conseguisse sobreviver ao treinamento ali, jamais iria para a China com a missão.<sup>8</sup>

Portanto, remova os obstáculos, se possível.

4. Quarto: “Lubrifique as engrenagens onde for necessário.”

Com essa declaração, Hudson Taylor estava pensando mais nos relacionamentos pessoais. Ele falava para seus colegas pegarem o frasco de óleo do amor e derramar o óleo generosamente nos relacionamentos que tendiam a enguiçar. Ele dizia que nada substituíria o amor para com o próximo.

Apesar de quando já velho confidenciar que um de seus maiores desafios na obra missionária tinha sido problemas com a equipe missionária da sua agência, ele estimulava sua equipe inteira a lubrificar bem os relacionamentos. E ele encorajava a si mesmo e as pessoas da equipe, dizendo: “Os relacionamentos melhorarão se forem cuidados.”

Que elo equilibrado entre perseverança e confiança.

5. Finalmente: “Suplemente o que estiver faltando.”

Em outras palavras, não identifique o problema apenas; suplemente o que for necessário para que seja resolvido.

Uma vez, ele escreveu: “Criticar problemas é mais fácil do que criar problemas... planeje com criatividade. Adicione o que estiver faltando à medida que planeja e executa seus planos para Deus.”

Portanto, as cinco observações de Hudson Taylor que destacamos foi: melhore o caráter do seu serviço; aprofunde piedade e devoção; remova obstáculos, se possível; lubrifique as engrenagens que tendem a enguiçar; e suplemente o que estiver faltando.

Uma das coisas que caracterizaria Hudson Taylor era sua humildade e um sentimento de alegria—e até surpresa—com o fato de Deus ter escolhido usá-lo para sua glória. Ele escreveria: “Geralmente, penso que Deus deveria estar buscando alguém pequeno e fraco o suficiente para usar... e ele me encontrou.”<sup>9</sup>

Numa ocasião, Hudson Taylor, o mundialmente renomado missionário que trabalhou na China, estava sendo apresentado a uma igreja grande na Austrália. O dirigente do culto o apresentou usando termos eloquentes e lisonjeadores. Ele contou à congregação tudo quanto Hudson Taylor realizara na China e depois o apresentou como “nosso ilustre convidado.” Depois que assumiu a palavra, Taylor ficou calado por um instante e depois disse: “Meus amigos, não passo de um servo de um Senhor ilustre.”<sup>10</sup>

Em 1905, depois de haver resignado sua posição de presidente da Missões para o Interior da China, ele decidiu fazer um último passeio por

algumas de suas queridas cidades e postos missionários na China. Durante esse passeio, ele morreu. Hudson foi sepultado ao lado de sua primeira esposa, Maria, num pequeno cemitério inglês num vilarejo à beira do rio. Deixe-me mencionar algo interessante.

Seus túmulos foram tratados com terrível desprezo na China. Na verdade, o cemitério foi até coberto por um loteamento na década de 1960 e as marcações de seus túmulos foram destruídas. Mas, em anos mais recentes, as construções do bairro foram demolidas e os túmulos de Hudson e Maria Taylor foram os únicos a permanecerem intactos em todo o cemitério.

Em agosto de 2013, seus túmulos foram transportados para uma igreja local onde um cemitério memorial foi feito para honrar suas vidas. No decorrer dos 50 anos de ministério de Hudson, ele levou quase mil missionários para aquele vasto país.

Juntos, eles plantaram centenas de igrejas e abriram 125 escolas; mais de 500 chineses convertidos se tornariam membros dessa agência missionária e outros serviriam como voluntários. A Missões para o Interior da China se tornaria a maior organização missionária evangélica no mundo.

Hudson aprendeu a falar 3 dialetos chineses diferentes, evangelizou todas as 18 províncias do interior e preparou a tradução do Novo Testamento no idioma Ningbo. Mas, se ele estivesse conosco aqui hoje, tenho certeza de que não iria querer ouvir esses dados. Ele enfatizaria que foi simplesmente um servo de um Senhor ilustre, alguém pequeno o suficiente para ser usado por Deus; alguém fraco o suficiente para estar disponível ao serviço do Senhor.

Hudson Taylor tinha sido profundamente

impactado pelas palavras de Cristo na cruz: “Está consumado!” Ele nunca superou essa obra consumada de Cristo em seu favor e ele jamais se

esqueceu que a Cristo somente pertencia toda a glória.

Este manuscrito pertence a Stephen Davey, pregado no dia 17/11/2013

©Copyright 2013 Stephen Davey

Todos os direitos reservados

---

<sup>1</sup> Dr. and Mrs. Howard Taylor, *Hudson Taylor: The Growth of a Soul* (OMF International, 1996), p. 67.

<sup>2</sup> Howard Taylor, *Hudson Taylor and the China Inland Mission: Volume 1* (OMF Book, 1996), p. 132.

<sup>3</sup> *Ibid.*, p. 135.

<sup>4</sup> Adaptado de Frederick Taylor, *J. Hudson Taylor: God's Man in China* (Moody Press, 1965), p. 99.

<sup>5</sup> Alexander Strauch, *Leading with Love* (Lewis & Roth, 2006), p. 61.

<sup>6</sup> Howard Taylor, p. 31.

<sup>7</sup> *Ibid.*, 276.

<sup>8</sup> *Ibid.*, 226.

<sup>9</sup> R. Kent Hughes, *1001 Great Stories and Quotes* (Tyndale House, 1998), p. 213.

<sup>10</sup> *Ibid.*, p. 493.